

O HOMEM QUE ME VIU

Eu nunca tive a sorte de ter um mentor.

Nos primeiros vinte e sete anos da minha vida, encontrei quase exclusivamente mulheres. Mulheres de todo temperamento, toda sensibilidade, toda estatura intelectual e humana. Talvez a vida quisesse apenas me lembrar de uma verdade elementar: eu também era filho de uma mulher. E que filho.

Então veio 1992.

Uma campanha política, construída em torno de um empresário de Cosenza do setor educacional que mais tarde se tornaria Deputado no Parlamento Italiano contra todas as expectativas, mudou o rumo de muitas coisas. Não por causa da política em si, mas por causa das pessoas que tive a oportunidade de conhecer. Foram elas que abriram a porta das possibilidades.

Eu era um novato num mundo construído sobre pertencimento. Ninguém conseguia entender de onde eu vinha.

A pergunta era sempre a mesma.

“Por que ninguém o iniciou? Por que ninguém o acolheu sob sua asa?”

Eles me viam como uma pedra bruta sobre a qual ninguém ainda havia trabalhado.

De direções diferentes chegavam convites, aproximações, propostas. Vinham, com frequência, de ambientes que pouco tinham a ver com cultura, história ou crescimento interior genuíno. Eram mundos sustentados pela subserviência, pela dominação e pelo simples exercício do poder.

Eu os observava com respeito, mas à distância.

Havia salas em que eu não queria entrar.

E não entrei.

Então, um dia, recebi um telefonema.

Era Gino Domanico, um verdadeiro mestre da vida.

Professor universitário que escolhera se dedicar ao ensino, ele possuía aquela elegância rara de comunicação que não se aprende e não se imita. Depois de poucos instantes de conversa, entendi algo que na época me pareceu absurdo e que ainda hoje acredito:

eu acabara de conhecer o homem a quem confiaria uma parte importante do meu crescimento.

Ele me convidou para jantar.

Nunca foi um cortejo, nem uma aula formal. Gino tinha um dom particular: sabia ler almas e mentes. A minha era, provavelmente, um livro aberto para ele.

Ele nunca explicou qual era o seu papel, nem de qual tradição vinha. Apenas me deixou uma frase que nunca esqueci:

“Um dia, quando você realmente me vir, com ou sem os véus, saberá quem eu sou e onde estou.”

Mesmo como novato, entendi o sentido daquelas palavras.

Eu era um homem batendo à porta de um templo, pedindo luz. Não a luz material, porque nenhum de nós trabalhava numa companhia elétrica, mas o tipo de luz que permite a uma pessoa enxergar a si mesma com mais clareza.

Gino fez o primeiro gesto de acolhimento.

Depois veio Tonino.

Uma das figuras mais respeitadas dentro da instituição, ele me observou por pouco tempo antes de fazer a mesma pergunta que eu já tinha ouvido tantas vezes.

“Por que ninguém o viu antes? Onde ele esteve todos esses anos?”

A resposta era simples.

“Ele trabalha em Cosenza. Nasceu em Reggio Calabria. Conhece meio mundo. As pessoas se importam com ele. E ele é um dos nossos. A única diferença é que, depois do batismo católico, nunca recebeu nenhuma outra iniciação.”

Aquela resposta bastou.

Fui autorizado a começar, do modo devido e no momento devido, o caminho reservado aos Filhos da Viúva.

A partir daquele momento, Gino nunca segurou a minha mão.

Não precisava.

Bastava um olhar seu e algumas palavras. Com ele, um silêncio podia conter mais ensinamento do que um livro de quinhentas páginas.

Então chegou o dia.

Encontrei-o ali entre os bancos.

Silencioso. Quase severo.

O lugar exigia uma postura particular, primeiro interior, depois exterior.

Durante uma breve pausa no espaço externo da Câmara de Reflexão, o Salão dos Passos Perdidos, ficamos lado a lado. Ele se aproximou de mim sem dizer muito. Mas, naquele instante, ambos sentimos a mesma emoção.

Uma emoção que nunca se apagou.

Trinta e três anos depois, ela ainda está aqui.

Talvez porque certos encontros não pertencem ao passado.

Eles continuam nos iniciando toda vez que os lembramos.

TFA

P.S.

Depois de escrever esta história, senti que faltava uma peça autêntica do mosaico. Bastaram algumas horas de reflexão durante a noite para eu entender o que era.

Naquele verão, Gino estava em sua casa à beira-mar. Ele me convidara várias vezes para visitá-lo e, numa noite, finalmente encontrei a oportunidade de bater à sua porta.

Ele me recebeu com um carinho que nunca esqueci, e foi naquela ocasião que conheci Teresa, a mulher da vida dele.

Era jovem, elegante e naturalmente graciosa. Não pertencia à categoria das pessoas que buscam impressionar os outros. Bastavam alguns minutos para perceber uma inteligência viva, acompanhada de uma rara capacidade de compreender a pessoa que tinha à sua frente.

Trabalhava no setor bancário e ocupava um cargo de responsabilidade. Nos anos seguintes, ouvi comentários notavelmente semelhantes de amigos e colegas que a conheciam bem: Teresa possuía uma intuição incomum e uma extraordinária capacidade de avaliar a confiabilidade das pessoas quase de imediato.

Nasceu entre nós uma afinidade natural.

Era fácil entender que ambos nos importávamos profundamente com a mesma pessoa. De formas diferentes, naturalmente, mas com o mesmo afeto de fundo.

Eu havia encontrado uma irmã de coração para cuidar. Ela nunca expressou isso em palavras, mas muitas vezes tive a sensação de que reconhecia algo parecido.

Aquele encontro, porém, produziu um efeito ainda mais importante.

Confirmou uma convicção que o tempo nunca desmentiu: um bom mentor quase sempre se revela através dos olhos da mulher que caminha ao seu lado. Ela não substitui a mãe, nem se confunde com ela. Ela completa o retrato humano do homem.

E o meu mentor era um desses homens.

Ferdinando

Ferdinando Frega — gillettenarrative.com